

Crítica // *Parthenope* — Os amores de Nápoles ★★★★★

Inquietante beleza

Ricardo Daehn

Com *A grande beleza* — vencedor do Oscar, Globo de Ouro e do Bafta —, o diretor Paolo Sorrentino invadiu as entranhas de Roma, com imagens de glamour quase estáticas, uma gama de músicas estupefacentes e um jeitão à la Fellini bastante modernoso. As mesmas qualidades pairam em *Parthenope*, filme que concentra ações em Nápoles, a chamada Cidade nova, e que teria forte influência da sereia fundadora, quando na perspectiva da mitologia grega e que responderia por *Partênopo* (a ala velha).

Reconhecido pela qualidade técnica, Sorrentino, além de, com *Il divo*, ter vencido do Prêmio do júri no Festival de Cannes, competiu à Palma de Ouro por outras seis vezes. No

passado, o diretor tratou de sabedoria, em *A juventude* (com Michael Caine), e volta ao tema, com *Parthenope*, no qual este papel-título é dividido por Celeste Dalla Porta e Stefania Sandrelli (a estrela de *Nós que nos amávamos tanto*, em pequena participação), em idades bem diferentes. O capricho do filme está na direção de fotografia Daria D'Antonio, no desenho de produção de Carmine Guarino e na música de Lele Marchitelli.

Com “resposta pronta para tudo”, *Parthenope* vive de elucubrações e, como futura professora, de avaliações nem sempre precisas para os seus estudantes, e, a reboque, traz uma beleza hipnotizante. Observadora atenta e ainda assim, sempre surpreendida por fatos, ela é volúvel, mas seletiva. Com discurso visual

PARIS FILMS



Parthenope: muitos amores para uma musa

poderoso, o diretor, versado ainda em literatura (sendo autor de contos e romance), empreende por reflexões e traz elipses no filme cercado de glamour e do exame de uma elaboração falsa para a perfeição descrita (tanto

na tela quanto na vida dos personagens).

Entre flertes, tragédias e devoção à antropologia, *Parthenope*, que traz um quê de *Fédra* (a heroína de Jean Racine, no século 17), vai se relacionar com tipos como o escritor gay

(papel de Gary Oldman), o Comandante (Alfonso Santagata), a bizarra professora de teatro Flora Malva (Isabella Ferrari), um bispo (Peppe Lanzetta) e o acadêmico Devoto Marotta (Silvio Orlando). Todos memoráveis.

Crítica // *Novocaine: À prova de dor* ★★★★★

Pronto para o massacre

Um thriller bastante inconsequente e movido à ação pura é a proposta da dupla Dan Berk e Robert Olsen para o fantasioso longa *Novocaine: À prova de dor*. Na insensível pele de Nathan Caine, um acomodado engratado que sofre de síndrome bastante específica e peculiar capaz de o tornar imune a qualquer tipo e escala de dor, está Jack Quaid (o filho de Dennis Quaid e Meg Ryan), muito popular no momento pelo alcance de *Acompanhante perfeita*.

Escrito por Lars Jacobson

(responsável por *Herança maldita*), o filme parece trazer um revival das tramas descabidas de heróis de ocasião, ao estilo de *Kick-Ass* (2010) e *Zumbilândia* (2009), e que investem no nervosismo de cruzar ação persistente com muito sangue e exagerada violência. Um convite nerd, descrente da vida, o protagonista é capaz de gestos nobres (como o de salvar o viúvo Earl, feito por Lou Beatty Jr., da falência) ao mesmo tempo em que se afunda em videogames e na virtual companhia

PARAMOUNT/ DIVULGAÇÃO



Novocaine: À prova de dor tem um protagonista insensível

do único amigo Roscoe (o havaiano Jacob Batalon, popular na pele de Ned Leeds, na franquia de *O Espetacular Homem-Aranha*).

Antes de um grupo vestido de Papai Noel promover arrastão financeira na instituição em que Nathan trabalha,

o rapaz tem a vida transformada pela inesperada interação com Sherry (Amber Midthunder). Ao tirar proveito da capacidade física, Nathan aposta na perseguição aos criminosos que não hesitam em sequestrar Sherry. Com um jeitão de uma

fita de Tarantino, na fase de menor projeção, *Novocaine* traz inspiradas sequências de ação (como a da ambulância e a do interior de uma cozinha em fogo), mas não deixa de imprimir muito clichê na tentativa de emplacar diálogos espirituosos. (RD)